FALANDO DE NÚMEROS

Tivemos na semana passada duas revelações provenientes da nossa discussão sobre qual seria o número estimado de reencarnações pelas quais deveremos passar em nosso longo processo de evolução. Ambas as revelações provenientes direta ou indiretamente do Chico.

Antes de falar das revelações, vamos falar do conceito de ordem de grandeza dos números. Por definição, um número é de uma ordem de grandeza superior ou inferior a outro quando existe um fator 10 entre eles. Assim, o número 100 é uma ordem de grandeza acima do número 10, e o número 1000 estaria duas ordens de grandeza acima do número 10. A ordem de grandeza dos números nos ajuda a compreender aquilo que é difícil apreender.

Normalmente, ordens de grandeza maiores são difíceis de compreender. Por exemplo, é fácil entender distâncias quando falamos de centenas ou milhares de quilômetros, mas é difícil imaginar as centenas de milhões de quilômetros que separam a Terra do Sol. Da mesma forma, é fácil imaginar um animal que viva em média dezenas de anos, mas é difícil compreender os mais de 4 bilhões de anos de vida do nosso Sol.

É por isso que a frase do Miramez sobre milhares e milhares de reencarnações sendo necessárias em nosso processo evolutivo merecia escrutínio. Para entender ou compreender melhor, era preciso reduzir a ordem de grandeza.

Prosseguindo, a primeira revelação do Chico é que, em media, os espíritos passam por duas reencarnações a cada trezentos anos.

Dessa forma, cada um de nós, em média, teria tido 14 reencarnações nos últimos 2100 anos. Da mesma forma, sendo capelinos que somos, podemos ter reencarnado pela primeira vez na Terra em torno de 3000 anos AC como egípcios, israelenses, arianos ou indianos, , o que acrescentaria mais 20 novas reencarnações, em média. Há referências dos trabalhos dos capelinos entre 10000 e 4000 AC, o que representaria possivelmente mais de 65 reencarnações adicionais. Enfim, mesmo utilizando outras civilizações mais antigas, a ordem de grandeza seria de dezenas de reencarnações até chegarmos nos dias atuais.

Em seguida vem a questão: por que desconsiderar os nossos ancestrais pré-históricos como feito propositadamente? A resposta é que, novamente, era preciso restringir a questão a algo compreensível. Esse período traz apelo reduzido a nós como indivíduos, simplesmente porque não temos registros de quase nada. Pouco se sabe do período pré-histórico, porque não existem personagens conhecidos. Não existem registros.

Nesse ponto vem a segunda revelação do Chico que veio na mensagem que transcrevo a seguir:

“No mundo espiritual, há (são) imensos arquivos de registros confinados a serem revelados no tempo. Basta aguardarmos. E prosseguirmos nas nossas especulações – íntimas e coletivas.

É assim que se processa o condicionamento para uma expansão mais lúcida, no campo das pesquisas, ao entendimento do indivíduo, passando assim, portanto, ao coletivo.

Nós é que pedimos desculpas pela nossa intromissão, mas como fora solicitado, achamos pertinente trazermos alguma consideração em torno, até porque isso também nos fascina profundamente e nos faz enamorar, mais e mais, a nossa gratidão ao nosso mestre nazareno, Jesus, que trabalha por nós ao longo de tempos incontáveis ao alcance do nosso conhecimento.”

Nesta mensagem, Chico nos exorta a seguir especulando e nos informa que veio nos esclarecer as dúvidas a nosso pedido. Além disso, nos informa que há registros e que no momento oportuno tudo nos será revelado.

Concluindo, Miramez está certo em falar de milhares e milhares de reencarnações considerando o período da nossa pre-história. Por outro lado, considerando a História desde o início das grandes civilizações, é correto imaginarmos dezenas de reencarnações até chegarmos nos dias de hoje.

Por fim, para complicar tudo de novo, vale lembrar que somos seres finitos, porque não temos nenhum dos 7 atributos da divindade, imortais, seguindo um processo evolutivo quase infinito.

E assim, colocando o conceito de infinito em pauta, toda a discussão sobre ordem de grandeza dos números perde o sentido e nós, por outro lado, voltamos a perder a noção do que de fato ainda temos pela frente.